



Che Guevara em Gaza: quando a Palestina torna-se uma causa global

Dr Salman Abu Sitta

MEMO
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO
Criando Novas Perspectivas

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Middle East Monitor é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que oferece serviços de pesquisa, informação e análise, em primeiro plano, do conflito Israel-Palestina. Também aborda outras questões do Oriente Médio. Sua produção é disponibilizada para o uso de jornalistas, acadêmicos e políticos que tenham interesse nas regiões do Oriente Médio e Norte da África.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, direitos humanos e lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça em toda a região, especialmente na Palestina.

Título: Che Guevara em Gaza: quando a Palestina torna-se uma causa global
Capa: Carlos Latuff

Primeira edição: agosto de 2015

Copyright © MEMO Publishers 2015

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, comercializada ou publicada em qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão do proprietário dos direitos autorais. Este relato está disponível para download gratuito no site Monitor do oriente : www.monitordooriente.com



Monitor do oriente
Avenida Conselheiro Carrão, 1077
Vila Carrão, São Paulo
State of São Paulo, Brazil
t: +55 (11) 2093-0599
w: www.monitordooriente.com

Che Guevara em Gaza: quando a Palestina torna-se uma causa global

Dr Salman Abu Sitta

Che Guevara em Gaza: quando a Palestina torna-se uma causa global

A visita de Che Guevara a Gaza em 1959 foi o primeiro sinal da transformação da colonização sionista da Palestina, de um conflito regional para uma luta global contra o colonialismo. O gatilho foi a conferência de Bandung (Conferência Ásia-África) em 1955 que resultou no Movimento Não-Alinhado, cujos membros apenas recentemente haviam abalado o jugo da dominação estrangeira. A estatura de Nasser, como líder mundial na luta contra o imperialismo e colonialismo, trouxe líderes mundiais para ver por si mesmos os resultados devastadores da limpeza étnica da Palestina, claramente demonstrada nos acampamentos dos refugiados em Gaza.

A Faixa de Gaza tornou-se o símbolo da Palestina. Esta pequena fatia de terra (1/3 da Palestina) permaneceu como o único local a erguer a bandeira da Palestina. Carregava uma parte importante do fardo da Nakba, tornando-se abrigo temporário para os habitantes de 247 aldeias, expulsos de suas casas no sul da Palestina. Aldeias na região foram etnicamente limpas pela operação militar israelense "Yoav", também denominada "As Dez Pragas", em outubro de 1948. Não permaneceu uma única aldeia palestina. Este ato de limpeza étnica total foi impulsionado por vários massacres ocorridos em Al Dawayima, Bayt Daras, Isdud, Burayr, entre outros.

Os refugiados, então encurralados na Faixa de Gaza, não ficaram imunes aos ataques israelenses, mesmo após a sua expulsão. O hospital Majdal foi bombardeado em novembro de 1948, assim como o da vizinha aldeia, Al Joura, que ficava no local da antiga Ashkelon e da qual surgiram muitos futuros líderes do Hamas. Em janeiro de 1949, os israelenses bombardearam centros de distribuição de alimentos em Dayr Al Balah e Khan Younis nos horários de pico, deixando mais de 200 corpos dizimados por ataques aéreos. Essas incursões levaram a cruz vermelha, que geralmente era contida, a descrevê-las como uma "cena de horror".

A ocupação da terra palestina e a expulsão de sua população deu origem a um movimento de resistência, conhecido então como fedayeen. Esses combatentes cruzaram a linha do Armistício para atacar o ocupantes de suas terras.

A fim de parar as incursões dos fedayeen e eliminar a ideia de resistência, Israel atacou continuamente acampamentos dos refugiados da Faixa de Gaza.

Em agosto de 1953, a Unidade 101, liderada por Ariel Sharon, atacou o campo de refugiados Bureij e matou 43 pessoas em suas camas.

Em agosto de 1955, Israel, novamente liderado por Ariel Sharon, explodiu a estação de polícia de Khan Younis matando 74 policiais. No mesmo ano, os israelenses mataram 37 soldados egípcios na estação ferroviária de Gaza e 28 outros que se puseram em seu caminho para defendê-los. O último ataque mudou o curso da história na região.

O presidente egípcio Gamal Abdel-Nasser, que assumiu o poder em julho de 1952, assinou o primeiro acordo de armamento com o bloco soviético, por armas negadas a ele pelos britânicos. Ele também autorizou que a resistência fedayeen fosse organizada oficialmente sob o comando do coronel Mustafa Hafez.

Em 29 de outubro de 1956, Israel invadiu o Sinai em conluio com a Grã-Bretanha e a França. Os soldados israelenses atacantes entraram em Khan Younis em 3 de Novembro de 1956, arrancaram todos os homens entre as idades de 15 e 50 anos de suas casas e atiraram neles, a sangue frio, à sua porta ou contra uma parede na praça principal da cidade. Os nomes das 520 pessoas mortas foram listadas. Na semana seguinte, outro massacre dos refugiados ocorreu em Rafah.

Houve um silêncio ensurdecedor no Ocidente sobre esses massacres, até que o talentoso cartunista Joe Sacco os imortalizasse em seu livro Notas sobre Gaza (Footnotes in Gaza, na edição em inglês).

Estes trágicos acontecimentos chamaram a atenção do mundo quando Nasser tornou-se um dos líderes reconhecidos do Movimento Não-Alinhado iniciado na conferência de Bandung em 1955. A Faixa de Gaza e a Palestina vieram globalmente à tona como o mais recente caso de colonialismo em limpeza étnica.

Como resultado desse desenrolar político, Che Guevara, o latino-americano revolucionário, visitou a Faixa de Gaza, a convite de Nasser.



Imagem 1

A visita de Che Guevara foi histórica. Era a primeira vez que um revolucionário, famoso vinha testemunhar, pessoalmente, a devastação criada pela Nakba. Líderes da resistência demonstraram grande entusiasmo em encontrá-lo, tais como Abdullah Abu Sitta, líder dos fedayeen (e líder do fronte sul da Revolta Árabe de 1936, visto na imagem 1, ao canto direito, em vestes árabes) e Qassem el Farra (terceiro da direita para a esquerda), secretário da Prefeitura de Khan Yunis, que mantinha registros dos fedayeen e suas atividades. Ambos eram membros do Conselho Legislativo Palestino.

De acordo com evidências relatadas a mim por contemporâneos sobre a visita, Guevara exortou os refugiados palestinos a perseverarem na luta para libertar suas terras. Não haveria saída se não a resistência à ocupação, declarou. Admitiu também que o caso palestino era “complexo”, pois os novos colonos judeus ocuparam suas casas. “O direito deve ser eventualmente restaurado”, afirmou. Ofereceu apoio para fornecer armas e treinamento, embora (Fidel) Castro desejasse que este auxílio fosse coordenado através da gestão de Nasser.

Mustafa Abu Middain, líder do campo de Al Bureji, levou Guevara a visitar o campo de refugiados e mostrou-lhe casos de pobreza e adversidade. “Nós tivemos pobreza ainda pior”, Guevara retorquiu.

“Vocês devem me mostrar o que fazem para libertar seu país. Onde estão os campos de treinamento? Onde estão as fábricas para produzir armas? Onde estão os centros de mobilização popular?”



Imagem 2

Guevara, acompanhado pelo General Caprera, especialista em conflitos de guerrilha. Caprera (imagem 2, com barba), reuniu-se com líderes comunitários para aconselhá-los quanto aos métodos de resistência.



Guevara tornou-se ícone para a resistência palestina e a luta por liberdade

Imagem 3

Nasser ficou bastante interessado pela visita de Guevara. Encontrou-se com ele em seu escritório, levou-o a público e a compromissos oficiais, apresentou-lhe líderes comunitários e o condecorou com medalhas (imagem 4, fotomontagem). Este foi o início de um relacionamento bastante próximo entre revolucionários latino-americanos aliados a Nasser e os palestinos, que dura até hoje.



Imagem 4

Após a visita, Cuba concedeu bolsas de estudos a estudantes palestinos, garantiu cidadania a palestinos deslocados ou em situação de bloqueio e sediou muitas conferências em apoio à Palestina.

Durante a guerra israelense em Gaza, no verão de 2014, Cuba enviou toneladas de doações humanitárias a Gaza e recebeu feridos. O apoio espalhou-se para a maioria dos países latino-americanos. El Salvador, Chile, Equador, Peru e Brasil, todos retiraram seus embaixadores de Israel como forma de protesto. O presidente da Bolívia, Evo Morales, classificou Israel como “estado terrorista” e restringiu a entrada de israelenses ao país. O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, “vigorosamente condenou as ações do estado ilegal de Israel contra o povo heroico palestino”. A Campanha de Solidariedade à Palestina da Nicarágua foi bastante contundente ao denunciar Israel em campos oficiais e populares. Os presidentes do Uruguai, Brasil, Argentina e Venezuela emitiram uma declaração conjunta exigindo o fim da violência e o encerramento do bloqueio israelense à Faixa de Gaza.



Imagem 5

Na década de 1950, Guevara não foi a única personalidade célebre do Movimento dos Países Não-Alinhados a endossar os direitos palestinos em uma Palestina livre. Jawaharlal Nehru, Primeiro-Ministro da Índia, também visitou Gaza no mesmo período (imagem 5). Este também foi o início de um apoio próximo da Índia e de outros países asiáticos à Palestina.

Hoje, a Palestina é símbolo da luta por libertação do projeto colonial mais extenso da história recente. É por essa razão que três quartos dos países do mundo apoiam a Palestina nas Nações Unidas. Aqueles que não o fazem são, em primeiro lugar, os remanescentes dos velhos países ocidentais coloniais que criaram o projeto colonial na Palestina.

MEMO

Middle East Monitor

Criando Novas Perspectivas

MEMO ●
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO
Criando Novas Perspectivas

monitordooriente.com